

COMÉRCIO EXTERIOR

Crise afeta as exportações

No primeiro semestre deste ano, as vendas a outros países somaram US\$ 50,9 milhões, uma queda de 31,3% em relação ao mesmo período de 2008

» MARIANA FLORES

A crise econômica tem sido mais cruel com os exportadores da capital federal do que com as companhias do restante do país. Com um volume de vendas para outros países ainda pequeno — representa menos de 0,1% do total comercializado pelo Brasil —, as empresas brasilienses também estão sofrendo mais com a turbulência que atinge o mercado internacional há pelo menos 10 meses. De janeiro a junho de 2009, as indústrias brasilienses venderam US\$ 50,9 milhões, 31,3% menos que no mesmo período do ano passado.

Na contabilidade das exportações de todo o Brasil, a queda foi de 22,8% no primeiro semestre, de acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). O impacto maior nos negócios brasilienses se deve à fragilidade do comércio exterior da capital do país. “Brasília nunca conseguiu manter uma regularidade nas exportações e sempre convivemos com picos. Com a crise, houve queda do número de empresários que exportam. Quem estava tentando exportar, freou e se voltou para o mercado interno”, diz a especialista em comércio exterior e analista da Tradecon Consultoria, Luciana Pecegueiro.

A diminuição das exportações brasilienses, assim como as brasileiras em geral, se deve à redução da demanda internacional, em função da crise econômica. “A baixa do consumo em grandes mercados, como os Estados Unidos e a Europa, afeta a produção das indústrias brasileiras, que, em grande parte, vivem das exportações e tiveram que demitir para sobreviver. Isso é extremamente nocivo para a economia brasileira e acaba afetando todo mundo”, analisa o professor de relações internacionais da Universidade de Brasília (UnB), Amado Luiz Cervo.

Recuo

A empresária brasiliense Sueley Maria Silva, proprietária da Wise Informática, não demitiu, mas desistiu da meta estabelecida para exportação. Segundo dados do MDIC, a empresária registrou uma queda de 63% nas vendas para o exterior, no primeiro semestre deste ano. O objetivo de Sueley Silva era elevar, ao menos em 5%, o faturamento anual com as vendas para outros países. Até agora, o volume exportado equivale a cerca de 1% do comércio externo.

A Wise, especializada em equipamentos de teste para a área de comunicação de dados,

Daniel Ferreira/CB/D.A Press



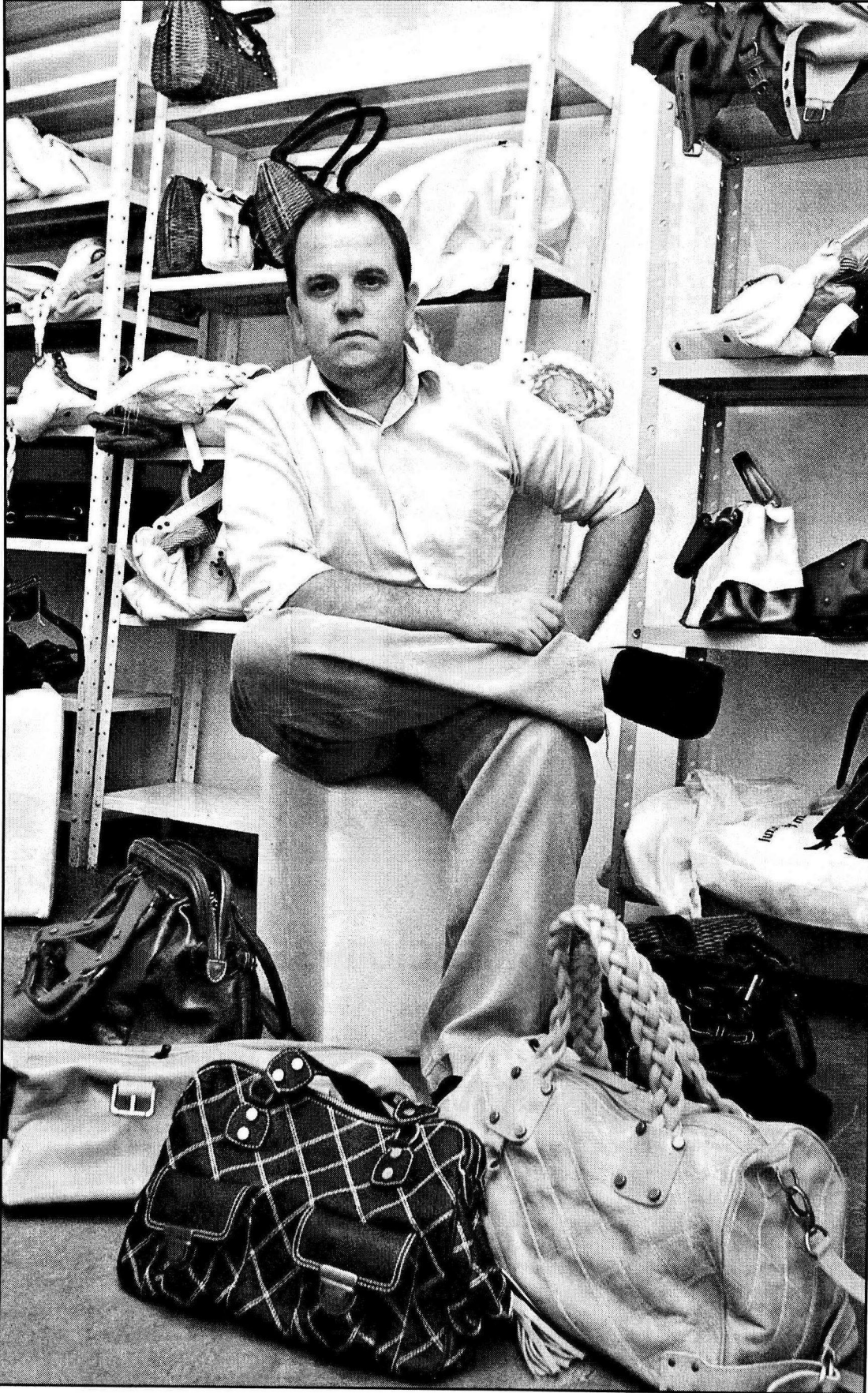
Sueley Maria Silva, empresária do ramo da informática, recuou da meta de elevar, ao menos em 5%, as vendas ao exterior no primeiro semestre

aparece em 15º lugar entre as maiores exportadoras do Distrito Federal, que tem uma balança bem concentrada — apenas cinco empresas respondem por 98% do volume exportado. “Para crescer, preciso aumentar minhas exportações, porque o mercado interno está ficando saturado. Meu alvo é a América Latina toda e os Estados Unidos”, afirma Sueley.

Com uma participação maior das exportações no faturamento total — cerca de 30% —, a Confraria, marca de bolsas e sapatos, deve amargar uma retração nas vendas neste ano. Os proprietários ainda não fecharam os dados de 2009, mas sentiram uma estagnação no número de clientes. “A Europa parou de comprar, não estamos captando novos clientes e, por isso, não expandimos o número de compradores”, conta o sócio Paulo Eduardo Ávila e Silva.

De acordo com ele, desde que a fábrica, criada 11 anos atrás, começou a vender para outros países, há cerca de dois anos, a qualidade melhorou. “Toda a cadeia produtiva se adaptou para exportar. Tudo o que tenho que fazer de mudança para o mercado externo, eu repasso para o mercado interno. Estou exigindo mais qualidade da matéria-prima.”

Kleber Lima/CB/D.A Press



Paulo Eduardo Ávila e Silva: “A Europa parou de comprar, não estamos captando novos clientes”

Exportação X Importação

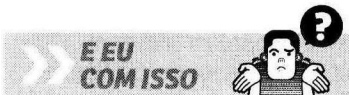
O saldo da balança comercial reflete a diferença entre o que é exportado e o que é importado pelo país ou pela unidade da federação. Desde 2001, o Brasil registra saldo positivo. No Distrito Federal, as importações são sempre maiores que as exportações.

A melhoria dos produtos é uma vantagem para o consumidor brasileiro, segundo a especialista Luciana. “Exportar exige maior competitividade das empresas, que melhoram a qualidade dos produtos, o que reflete para o consumidor interno”, afirma Luciana.

Importações em alta

Apesar da redução das exportações, as importações feitas pelo Distrito Federal estão em alta. De janeiro a junho, o volume subiu 7,39%, puxado, principalmente, pelas compras feitas pelo governo federal e contabilizadas na balança comercial do DF. Nos primeiros seis meses de 2009, foram importados o equivalente a US\$ 510 milhões — 0,9% do total comprado pelo país. Com isso, o saldo comercial brasiliense é negativo em US\$ 459,2 milhões.

De acordo com o presidente da Federação das Indústrias do DF (Fibra), Antônio Rocha, promover as exportações é uma meta do setor produtivo local. “Estamos fazendo um esforço enorme, promovendo missões de empresários brasilienses para o exterior, cursos de capacitação e mostrando para o mercado externo o que produzimos”, conta.



Uma queda das exportações em função da perda de clientes no mercado internacional afeta a produção das indústrias, que precisam demitir para cortar custos. É o que vem sendo verificado no restante do país. Como em Brasília, a participação do setor industrial na economia é pequeno, o impacto é menor, mas pode ocorrer. Sem exportar, as indústrias podem demitir, diminuindo o consumo na economia local, o que afetaria todos os setores produtivos.

98%

das exportações do Distrito Federal são feitas por apenas cinco empresas.

US\$ 459 MILHÕES

é o déficit da balança comercial do Distrito Federal no primeiro semestre de 2009